

MAGIAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Participando de um evento acadêmico, fui obrigado a me deslocar constantemente pelo velho centro de São Paulo. O evento tinha atividades num hotel instalado onde um dia foi a sede do jornal “O Estado de São Paulo”, o vetusto e reacionário “Estadão” que, nos anos 50 e 60, chegava rigorosamente no horário às casas dos conservadores francanos, em especial dos fazendeiros e outros endinheirados participantes do *status quo* local. Sua chegada era inconfundível, pois o barulho que aquela maçaroca de papel fazia ao bater no chão era ouvido até pelos vizinhos, devia pesar uns dois quilos diariamente, com vários cadernos de classificados. Do hotel, para participar de outras atividades do encontro científico, tinha que ir ao antigo cine Olido na avenida São João, hoje um centro cultural da Prefeitura paulistana ou à Biblioteca Mário de Andrade, na praça Dom José Gaspar.

O prédio da biblioteca foi restaurado recentemente, está um brinco do ponto de vista físico, embora sua direção esteja na mão de um “dândi”, o rico ex-livreiro Charles Cosac em seu primeiro emprego, arrumado pelo “Doriana do marketing”. No intervalo, fui ver no pavimento térreo uma exposição de arte contemporânea (*Acordo de confiança*), que não é minha predileção. Fui atraído por alguns textos e filmes que eram projetados continuamente na sala principal da mostra.

No entanto, o que realmente me impressionou foram algumas ideias e conceitos desenvolvidos pelos diversos artistas e coletivos que compunham a mostra. Descrevo rapidamente algumas delas: André Cadere colocava sua obra, sempre no mesmo formato (um bastão de madeira pintado com listras coloridas baseadas em permutações matemáticas) numa exposição alheia, deixava num canto sem que percebessem que não fazia parte da exposição original. Ou seja, uma obra de arte “penetra”, foram centenas de intervenções.

Noutra, Maria Eichhorn queria questionar a lógica capitalista quanto à produtividade e eficiência do trabalho. A artista simplesmente fechou a galeria pública Chisenhale em Londres durante o tempo do que deveria ser sua exposição. No dia da abertura, fez um debate sobre arte no local desprovido de obras de arte e depois mandou todos os funcionários da galeria para casa, deu férias por um mês, questionando o circuito comercial da arte que atinge valores astronômicos sem critérios claros.

Já Ian Wilson apenas escrevia um bilhete sobre o que havia conversado com algum amigo nas ruas, a exposição se restringia a dezenas de textos curtos com a ideia que lhe havia ocorrido na conversa, não havia obra física, apenas “comunicações orais”. Ao sair da biblioteca, fui acompanhando o belo painel que a artista Regina Silveira criou na calçada. Construído há 3, 4 anos atrás, a calçada já está toda estragada, prejudicando a segurança dos pedestres e a visibilidade de uma bela obra de arte de uma das mais importantes artistas do país (o prefeito Gilmar Dominici obteve uma obra desta artista para a Pinacoteca de Franca, mas nunca mais a vi exposta). Espero que o prefeito paulistano trabalhe no intervalo de suas constantes viagens, declarações e babaquices via internet e recupere a calçada.

Mauro Ferreira é arquiteto

